

I CONGRESSO DO BOMBO
28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa
[Painel1-Parte1-DomingosConclusão](#)

Eu, de qualquer maneira, queria deixar um apontamento, porque na segunda parte nós vamos estabelecer diálogo entre nós e, eventualmente, com alguém que queira e a diferença é que nós já não estamos, digamos, com a obrigação de "...no Alentejo só se faz canto alentejano, no Minho só se tocam bombos daquela maneira com aqueles grupos e não se canta só em corais polifónicos na zona da beira alta..."; felizmente nós hoje, a opção, é uma opção de consciência cultural e, portanto, temos a felicidade de poder tocar viola campaniça mesmo estando em braga, ou tocar bombo mesmo estando no Algarve. Quer dizer: isto revolta completamente uma ideia que eu penso que ainda tem muito haver com as ideias do Estado Novo, que era que cada Região tinha a sua identidade própria, e que as pessoas de lá podiam, de certo modo, podiam ser os representantes. Estamos noutro tempo, quer dizer, os alunos de viola campaniça do Pedro é gente provavelmente que já fez licenciaturas, já viu mundo, que viu muita coisa no Youtube, como dizia o Rui. De facto esse é o nosso mundo, é o mundo em que a cultura é uma questão de opção e de consciência, não é o atavismo a que somos obrigados e, inclusive, estas divisões, que eu penso que são muito falsas e que vêm dum pensamento antigo, que é cultura popular, cultura erudita, não há boa nem má música, ponto final. E temos músicos profissionais que dedicam muito tempo a estudar e que, portanto, podem ser, digamos, mestres, no sentido de dominarem, e temos pessoas que fazem música uma vez ou duas por ano, porque era a festa, porque era a circunstância. E fazem-no com toda, digamos, com toda a bondade possível e da maneira que podem e, no entanto, aquilo que fazem é tão válido como o pianista que estuda 8 horas por dia. E apenas é preciso ter a capacidade de entender que estamos perante praticas diferentes, todas elas têm lugar e, principalmente, os conservatórios têm quase que essa obrigação; quer dizer, é não deixar que isto seja obra de museus, da gente da arqueologia musical, não é, quer dizer, a nossa experiência, para quem está mais ligado a isto, é que as novas gerações tem uma curiosidade despida de preconceito e é isso que é a nossa grande esperança.